

5.ª Sessão

Encontro de Professores de Língua Portuguesa
Linguística e Teoria da Literatura

Coordenadora: Prof.^a Vanda de Oliveira Bittencourt

Representantes das áreas: Prof.^a Júnia M.^a Campas Passos (Língua Portuguesa)

Prof.^a Ivana Versiani Galéry (Língua Portuguesa)

Prof.^a Yara Goulart Liberato (Linguística)

Prof. Daniel Alvarenga (Linguística)

Prof.^a M.^a Helena Rabelo Campos (Teoria da Literatura)

Prof.^a Ivete Lara Campos Walty (Teoria da Literatura)

Ao abrir os trabalhos desta sessão, a prof.^a Vanda de Oliveira Bittencourt expôs os motivos que levaram os organizadores do III Ciclo de Estudos de Língua Portuguesa a incluírem no programa um encontro que reunisse professores das disciplinas: Língua Portuguesa, Linguística e Teoria da Literatura. Na sua exposição, a coordenadora esclareceu aos presentes que os motivos estavam ligados, basicamente, às dificuldades de natureza interdisciplinar enfrentadas por grande parte dos professores, mas levantadas, até então, apenas informalmente e em âmbito mais restrito. Salientou que esta seria, portanto, a oportunidade de discutirem os problemas comuns às três áreas, em busca de soluções que vissem atender às reais necessidades do curso de Letras. Em seguida,

um representante de cada área procedeu a um relato dos programas desenvolvidos nas disciplinas obrigatórias oferecidas por seu setor, desenhando-se, assim, um debate aberto à participação de todos os presentes, cujas intervenções estão aqui registradas resumidamente.

Prof. Carlos Maciel da Cunha

Nós temos de considerar alguns pontos fundamentais nesta nossa discussão, dentre eles o seguinte. Os alunos entram para esta Escola sem saber muitas coisas e saem sem saber essas mesmas coisas, apesar de elas lhes terem sido ensinadas. Não sabem sequer distinguir o jeito em frases relativamente simples. Isso para mim é a essência da farsa. É o academicismo edificado nem sobre a areia, mas sobre a água. É um edifício que não resiste a nada, que não se mantém de pé.

Prof. Daniel Alvarenga (Linguística)

Tanto isso é verdade que nós, ao solicitarmos dos alunos que questionem determinados itens da gramática, verificamos que eles não conhecem a gramática e nem sabem contestá-la. É evidente que há problemas: nós estamos ensinando, mas eles não estão aprendendo.

Prof. Carlos Maciel da Cunha

O que eu quero defender é que os alunos não sabem essas coisas não é por incompetência nem por burrice. O motivo é outro.

Prof.^a Ivete C. Walty (Teoria da Literatura)

O problema comum às nossas áreas (Língua Portuguesa e Teoria da Literatura) diz respeito à dificuldade de leitura que enfrentamos com determinados alunos. Sabemos que alguns deles não vencem sequer a fase da compreensão literal de um texto, por mais simples que seja, e é por isso que optamos por trabalhar nessa área antes mesmo de procedermos à análise de textos literários, que constitui nosso objetivo especí

fico. E como o problema de leitura está afeto a todas as disciplinas aqui da Faculdade, creio ser necessário adotar medidas de âmbito curricular para saná-lo, com a máxima prioridade.

Prof. Daniel Alvarenga

Vamos considerar agora o aspecto da economia de tempo na execução dos nossos programas. Por exemplo, acontece muito de a Lingüística tratar de itens que também são tratados nas aulas de Língua Portuguesa. Se, por um lado, isso proporciona ao aluno um enriquecimento, pois ele tem a oportunidade de lidar com pontos de vista diferentes, por outro, representa perda de tempo já tão escasso para todos nós. Em lugar de despendermos parte da nossa carga horária com itens programáticos comuns, poderíamos desenvolver outros que normalmente não são vistos em nossos cursos por falta de espaço. Essa seria, a meu ver, a justificativa básica para partirmos para a programação conjunta.

Prof.^a M.^a Helena Rabelo Campos (Teoria da Literatura)

Nós devemos nos empenhar, além da programação conjunta, também no acompanhamento conjunto da execução do cronograma. Não só o entrosamento dos conteúdos é importante, como também uma previsão conjunta da sua aplicação. E, nesse sentido, é desejável que trabalhemos o quanto antes, para testarmos os resultados já a partir do próximo semestre.

Prof. César Augusto da Conceição Reis (Lingüística)

É interessante notar como as nossas áreas estão mais entrelaçadas do que se pode pensar. Quando, por exemplo, eu desenvolvo o programa de Lingüística Geral I, eu trabalho, basicamente, sob três perspectivas distintas: com o estudo do texto gramatical propriamente dito, com a revisão gramatical, se possível comparando autores, e com a crítica baseada em dados lingüísticos. É um trabalho complexo para o qual devemos estar atentos quando pensarmos em qualquer reformulação conjun

ta dos programas.

Prof.^a Júnia M^a Campas Passos (Língua Portuguesa)

Em Língua Portuguesa, nós visamos, além do estudo da gramática tal como nos é apresentada, a mostrar ao aluno o que, dentro dela, não está cientificamente correto. Quando deparamos na gramática com dados que não correspondem à realidade presente, nós chamamos a atenção para o fato de que, apesar de aquilo não ser mais usado, muitas vezes é tido como língua padrão ainda. Nós, conscientemente, mostramos ao aluno a realidade da língua, a língua como processo dinâmico. Nós mostramos a ele que há níveis dentro dela - os níveis de formalidade são tratados com muita ênfase em nossos programas. E é, fundamentalmente, sob essa ótica que nós tratamos com os dados da gramática tradicional, o que, no meu modo de entender, representa uma postura diferente daquela assumida pelos professores de Linguística.

Prof. Daniel Alvarenga

O importante, nisso que vem sendo debatido, é que se pode observar uma certa concordância nas linhas de trabalho dos nossos setores. Não há divergências que nos impeçam de desenvolver nossos programas, ainda que sob óticas diferentes, conjuntamente.

Prof.^a M.^a Helena Rabelo Campos

Eu estou preocupada com a realização prática das medidas que possam atender aos problemas comuns que temos levantado aqui. O aspecto da leitura, por exemplo, poderia ser solucionado com a implantação de uma espécie de curso não formal, ou seja, sem a atribuição formal de créditos, programado com a finalidade de suprir as deficiências dos alunos nessa área que aqui chegam a cada semestre. É óbvio que, para isso, cada Departamento, além de configurar as suas demandas, deveria contribuir efetivamente para o andamento do curso.

Prof. Antônio Augusto Moreira (Linguística)

Ao desenvolvermos qualquer plano conjunto de trabalho, nós temos de considerar que os nossos alunos são bastante resistentes a qualquer processo de questionamento; eu sinto neles uma mentalidade ainda colegial. Por exemplo, eles querem a análise sintática modelada, pronta para ser digerida e aplicada. A nossa tarefa de mostrá-lhes que a dúvida, o impasse fazem parte da vida e, conseqüentemente, do processo de ensino-aprendizagem, é extremamente difícil de ser cumprida.

Profª Ivana Versiani Galéry

Mas não podemos deixar de lado o fato de que os objetivos de cada uma das nossas áreas não estão bem delimitados, e que esta falta de delimitação tem confundido o nosso aluno. Se o nosso posicionamento diante da língua não estiver nitidamente configurado, não poderemos exigir do aluno qualquer atitude coerente e madura.

A partir deste ponto do debate, as discussões prosseguiram num nível mais informal, abrindo espaço para a troca de experiências entre os professores presentes. Vencido o período estabelecido para a reunião, a coordenadora dos trabalhos fez um apanhado dos pontos principais que foram abordados para que, em atendimento à reivindicação dos presentes, pudessem ser retomados e ampliados em outras oportunidades como esta, com a garantia de participação de representantes das três áreas: Língua Portuguesa, Linguística e Teoria da Literatura.